



REVISTA PAULISTA DE PEDIATRIA

www.rpped.com.br



ARTIGO ORIGINAL

Efeito da interação com palhaços nos sinais vitais e na comunicação não verbal de crianças hospitalizadas

Pauline Lima Alcântara^a, Ariane Zonho Wogel^a, Maria Isabela Lobo Rossi^a,
Isabela Rodrigues Neves^a, Ana Llonch Sabates^b e Ana Cláudia Puggina^{a,b,*}

^a Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Jundiaí, SP, Brasil

^b Universidade Guarulhos (UnG), Guarulhos, SP, Brasil

Recebido em 16 de julho de 2015; aceito em 2 de fevereiro de 2016

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação não verbal;
Terapia do riso;
Sinais vitais

Resumo

Objetivo: Comparar a comunicação não verbal das crianças antes e durante a interação com palhaços e comparar os sinais vitais antes e após essa interação.

Métodos: Estudo intervenção não controlado, transversal, quantitativo, com crianças internadas em um hospital público universitário. A intervenção foi feita por alunos de medicina vestidos como palhaços e incluiu truques de mágica, malabarismo, canto com as crianças, bolhas de sabão e encenações cômicas. O tempo de intervenção foi de 20 minutos. Os sinais vitais foram avaliados em duas mensurações com um intervalo de um minuto imediatamente antes e após a interação. A comunicação não verbal foi observada antes e durante a interação por meio do Quadro de Modelos Não Verbais de Comunicação, instrumento em que os comportamentos não verbais são avaliados em efetivos ou ineficazes nas interações.

Resultados: A amostra foi de 41 crianças com média de $7,6 \pm 2,7$ anos, a maioria tinha entre 7-11 anos ($n=23$; 56%) e era do sexo masculino ($n=26$; 63,4%). Houve diferença estatisticamente significativa na pressão arterial sistólica e diastólica, na dor e nos comportamentos não verbais das crianças com a intervenção. As pressões arteriais sistólicas e diastólicas aumentaram e as escalas de dor mostraram diminuição na sua pontuação.

Conclusões: A interação lúdica com palhaços pode ser um recurso terapêutico para minimizar os efeitos do ambiente estressor durante a intervenção, melhorar o estado emocional das crianças e diminuir a percepção de dor.

© 2016 Sociedade de Pediatria de São Paulo. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

DOI se refere ao artigo: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rppede.2016.02.011>

* Autor para correspondência.

E-mail: apuggina@prof.ung.br (A.C. Puggina).

0103-0582/© 2016 Sociedade de Pediatria de São Paulo. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

KEYWORDS

Nonverbal communication;
Laughter therapy;
Vital signs

Effect of interaction with clowns on vital signs and non-verbal communication of hospitalized children

Abstract:

Objective: Compare the non-verbal communication of children before and during interaction with clowns and compare their vital signs before and after this interaction.

Methods: Uncontrolled, intervention, cross-sectional, quantitative study with children admitted to a public university hospital. The intervention was performed by medical students dressed as clowns and included magic tricks, juggling, singing with the children, making soap bubbles and comedic performances. The intervention time was 20minutes. Vital signs were assessed in two measurements with an interval of one minute immediately before and after the interaction. Non-verbal communication was observed before and during the interaction using the Non-Verbal Communication Template Chart, a tool in which nonverbal behaviors are assessed as effective or ineffective in the interactions.

Results: The sample consisted of 41 children with a mean age of 7.6 ± 2.7 years; most were aged 7 to 11 years ($n=23$; 56%) and were males ($n=26$; 63.4%). There was a statistically significant difference in systolic and diastolic blood pressure, pain and non-verbal behavior of children with the intervention. Systolic and diastolic blood pressure increased and pain scales showed decreased scores.

Conclusions: The playful interaction with clowns can be a therapeutic resource to minimize the effects of the stressing environment during the intervention, improve the children's emotional state and reduce the perception of pain.

© 2016 Sociedade de Pediatria de São Paulo. Published by Elsevier Editora Ltda. This is an open access article under the CC BY license (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

Introdução

A terapia da alegria, terapia do riso ou risoterapia é um método terapêutico existente desde a década de 1960. Foi propagado pelo médico americano Hunter Adams, chamado de "Patch Adams", que desde a sua época de estudante já implantava o método em hospitais e escolas. A alegria é como uma onda que se propaga por todos os nervos, órgãos e glândulas do corpo inteiro. Nada fica indiferente ao riso. O sorriso e o riso são uma linguagem universal de comunicação que se exterioriza sem palavras no semblante do indivíduo.¹

O poder do sorriso é grande e saber sorrir é algo importante. O riso é unicamente humano. O riso é um mecanismo de resistência vital e que proporciona liberação de sentimentos reprimidos para enfrentamento do estresse, do sofrimento ou da dor.² O riso tem a capacidade de reduzir os efeitos danosos que o estresse gera no organismo, pois quando o indivíduo ri o sistema parassimpático, por meio das encefalinas, atua no sistema imune, aumenta a concentração de anticorpos e alivia as dores provocadas pelo sistema simpático.³

Quando ocorre o riso, o nível de cortisol sérico diminui, o cérebro libera endorfinas, substâncias que aliviam a dor e garantem sensação de bem-estar. A respiração mais forte aumenta a quantidade de ar captada pelos pulmões e facilita a saída de gás carbônico. Analgésico poderoso, mas também produtor de euforia e sensação de paz.^{2,4} Dessa forma, a transmissão de estímulos dolorosos fica inibida e existe um "efeito residual".⁴

O sorriso beneficia o indivíduo também em aspectos sociais; propaga-se de um indivíduo para outros, melhora o vínculo entre as pessoas e clarifica a comunicação

interpessoal. A comunicação, por mais clara e objetiva que se pretenda ser, sempre irá conter subjetividade, pois envolve relações humanas, e a percepção e a interpretação das mensagens verbais e não verbais se dão pelos órgãos sensoriais: a visão, o tato, o paladar, o olfato e audição.⁵

O riso é uma comunicação não verbal de bem-estar, mas existem outros sinais que podem ser observados pelo profissional de saúde. Perceber não somente o que o paciente declara verbalmente, mas os sinais não verbais, é indispensável para entendê-lo por completo, e não somente a patologia que o acomete. A linguagem corporal não verbal do corpo traz muitas mensagens para bons observadores⁶ ao completar, substituir ou contradizer o verbal. Cabe, assim, ao profissional, perceber os sinais e interpretá-los.⁷

Os profissionais devem buscar compreender a criança no sentido holístico, conhecer suas necessidades, capacidades e desejos, torna-se evidente o fato de que quando a relação do profissional-paciente ocorre de maneira eficiente, a assistência prestada será a mais benéfica possível. Inevitavelmente, as relações que ocorrem dentro do ambiente hospitalar irão influenciar diretamente o tratamento da criança.⁸ O brincar é uma das necessidades da criança hospitalizada que precisa ser atendida, porque o seu desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social não cessa, mesmo que ela adoça.⁹

Além disso, o brincar possibilita aos profissionais uma vivência diferente com as crianças, não lida apenas com as incapacidades e limitações. A atuação dos palhaços também pode proporcionar a socialização e a interação entre as crianças, o que permite a criação de nova rede social, age como circunstância facilitadora para saída do isolamento social, que, por vezes, a internação provoca. Tal fato

Download English Version:

<https://daneshyari.com/en/article/8813721>

Download Persian Version:

<https://daneshyari.com/article/8813721>

[Daneshyari.com](https://daneshyari.com)